

JAYME KOPKE *

Lente

Penso naquele país
ao mesmo tempo meu e estrangeiro
nesse lugar chamado rio de janeiro
onde fui tão feliz, tão infeliz
que hoje é memória cada vez mais fina
palmeira, asfalto quente, solidão
alguém de noite mijando numa esquina
a tarde a agonizar no calçadão
e uma parte da vida que ficou
parada nesse nome de cidade
o que seria um dia mas não sou
nem alegria então, nem já saudade

se ao menos conhecesse o nome
dessa coisa que sinto quando penso
na cidade que pouco a pouco some
enquanto, lá tão longe, o rio imenso
transborda de si mesmo, e de mim
nem um vestígio guarda, grão de areia
que o mar encharca e o sol enxuga sem fim
na praia larga e violenta e alheia
se ao menos um nome tivesse
essa coisa que trouxe na bagagem
nem alegria nem saudade, esse
outro país que desfoca a paisagem

* Formado em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF), é brasileiro, de Niterói, foi professor de Francês na UFF e na Aliança Francesa, ainda nos anos 80. Desde 88 vive em Portugal, entre Porto, Lisboa, e a linha de Cascais. É publicitário. Publicou *Poemas durante a Chuva* (Lisboa: Mariposa Azul, 1999) Todos os poemas aqui apresentados estão inéditos em papel (apareceram ocasionalmente no *blog nuncavisto.blogspot.com*) e foram gentilmente cedidos pelo poeta para este número da *Metamorfoses*.

Motivo

Todas as coisas já são mais que usadas
mas mais que todas elas as palavras
passeiam entre as bocas como vírus
como átomos promíscuos de oxigênio
nossos anelos, nossos zelos nelas
não somos nós, são elas, nossos elos
lá de onde vêm, quem sabe desde quando
trazem mensagens das caladas eras
por não darmos por elas, e as colhermos
pensando que eram nossas, da traquéia
já há tanto tempo muda de um qualquer
usaram a nossa voz, fizeram dela
o seu cavalo, o seu táxi, a sua amante
de circunstância, nada de importante
depois partiram, deixaram-nos sós.
Muito depois de já não termos mais
assunto, voz, nem língua, nem garganta
cada palavra que hoje mora em nós
contará ainda, de nós esquecida
outras histórias, outra despedida
outra alegria, outra desesperança.

O porto

Estava só na ribeira
 (toda cidade é estrangeira)
à procura do campo alegre
passava um guarda, como é que vai,
senhor guarda, como é que vou?
 o guarda alarmado hesitou
 não queria ferir meus sentimentos
 mas o campo alegre?
o guarda coçava a cabeça
é muito difícil
por que não vai para outro lado?
ah, estes brasileiros
sempre a querer o que não é suposto

fiquei sozinho na ribeira
 (toda cidade é estrangeira)

com aquele alto limite

foi então que me perdi no porto

entre a batalha e o bolhão
entre o bolhão e as antas
e novamente a batalha
e novamente o bolhão
e novamente a batalha
 (toda cidade é estrangeira
 mas algumas
 prestam-se mais a mal entendidos)

Foi então que nunca mais cheguei
nunca cheguei à boa vista
nunca cheguei ao bom sucesso
ao campo alegre ao bom fim
fiquei rodando rodando rodando
rodando à volta do porto
foi então que nunca mais atraquei

estava sozinho na ribeira
 (toda cidade é estrangeira)

*Boda**para Lilian*

Quando eu tiver cento e três anos
tu noventa e nove
calar-nos-emos na varanda
onde nada se move

tu fingirás que me ignoras
a tarde inteira
mas eu vou perguntando as horas
e assim te admiro, de esguelha

depois iremos às compras
lentamente, lentamente,
dois bichos nas suas conchas
tu, que és mais nova, irás à frente

quando voltarmos, muito mais tarde
à varanda quieta
o dia morrerá de velho
nós, sobreviventes
nadaremos os nossos olhos pela paisagem

tu acenderás um cigarro
eu, para ostentar delicadeza
tossirei só um bocadinho
mas pensarei aos berros:

assim, meu amor, já não vives muito

então tu, que me lêes os pensamentos
sairás a bater todas as portas
três noites de chuva, três dias, tão lentos
escorrem pelos vidros – já não voltam

Não escolhas tanto

Não, não escolhas tanto
vê como enquanto
escolhes passa o tempo, e quanto
desdenhas te abandona
vê como te desgrenhas
vê como desmorona
o teu pêlo sem brilho, o teu mamilo
o menisco no escuro, a rótula
gasta, rota, torta
já sem remédio, sem resgate,
vê o teu rosto que colado à tarde
desbota
e a testa que se crispa
e a chispa
morta
Não escolhas tanto
não vês que pouco importa
de que lado te deitas
se quanto enjeitas,
se quanto gostas,
vê como parte,

vê como corta
a quina do crepúsculo a tua aorta
daquela esquina de onde ainda te fita
vê a crina do sonho que se agita
e vira as costas

